



**ESCOLA DE
SARGENTOS DO
EXÉRCITO**

**SECÇÃO DE
RECRUTAMENTO E
ADMISSÃO**

**Concurso de
Admissão ao
50º Curso de
Formação de
Sargentos**

**PROVA DE AFERIÇÃO
DE CONHECIMENTOS**

PORTUGUÊS

PROVA MODELO

NÃO CLASSIFICADO

PÁGINA INTENCIONALMENTE EM BRANCO.

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

INSTRUÇÕES:

1. Coloque o seu Cartão de Identificação Militar ou Cartão do Cidadão sobre a mesa, a fim de ser conferida a sua identidade.
2. Para o preenchimento da Folha de Respostas só pode utilizar canetas ou esferográficas de cor **preta** ou **azul**.
3. Na Folha de Respostas, inscreva com letra legível e em maiúsculas, o seu posto, NMec/NIP/NII, **n.º de candidato**, nome completo.
4. É proibido destacar ou acrescentar qualquer folha à Folha de Respostas. Se necessitar de folhas de rascunho utilize as folhas do enunciado ou solicite-as ao graduado responsável.
5. A prova tem a duração de 50 minutos.
6. No final da prova, é apresentada a distribuição das pontuações dos diversos itens.
7. Leia atentamente toda a prova antes de a iniciar.
8. Em cada item, escreva a resposta que considerar correta.
9. Nos itens de escolha múltipla, indique apenas a letra correspondente à resposta correta.
10. Se, em algum item, der mais do que uma resposta, a respetiva pontuação não será atribuída.
11. Quando terminar a prova, se ainda dispuser de tempo, deve relê-la, confirmar as suas respostas, e aguardar em silêncio que termine o tempo de duração a prova. Volte a Folha de Respostas para baixo.
12. Durante a execução da prova não é permitido ausentar-se da sala, exceto por razões de força maior.
13. A prova inicia e termina à ordem do graduado responsável.
14. Quando for dada a ordem de terminar, deve pousar de imediato a caneta, colocar-se de pé e aguardar as indicações do graduado presente.
15. Finda a prova, pode levar o enunciado consigo.

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

PÁGINA INTENCIONALMENTE EM BRANCO.

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

A prova é constituída por quatro grupos (I, II, III, IV), cada um com cinco itens.
Selecione, em cada um dos itens, a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

GRUPO I

Auto de Inês Pereira. Feito por Gil Vicente, representado ao muito alto e mui poderoso rei dom João o terceiro, no seu convento de Tomar. Era do Senhor de 1523. O seu argumento é um exemplo comum que dizem: mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube. As figuras são as seguintes: Inês Pereira, sua Mãe, Lianor Vaz, Pero Marques, dous judeus, um chamado Latão e outro Vidal, um Escudeiro com um seu Moço, um Ermitão.

Entra logo Inês Pereira e finge que está lavrando só em casa, e canta esta cantiga:

(Canta Inês:)

Quien con veros pena y muere
qué hará cuando no os viere?

(Falado:)

Renego deste lavar¹
e do primeiro que o usou
ao diabo que o eu dou
que tam mau d`aturar.
Oh Jesu que enfadamento
e que raiva e que tormento
que cegueira e que canseira.

Eu hei de buscar maneira
dalgum outro aviamento.

Coitada assi hei d`estar
encerrada nesta casa

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

15	como panela sem asa que sempre está num lugar. e assi hão de ser logrados dous dias amargurados que eu possa durar viva e assi hei d' estar cativa
20	em poder de desfiados. ² Antes o darei ao diabo que lavrar mais nem pontada já tenho a vida cansada de jazer sempre dum cabo. ³
25	Todas folgam e eu não todas vem e todas vão onde querem senam eu. Ui que pecado é o meu ou que dor de coração?
30	Esta vida é mais que morta sam eu coruja ou corujo ou sam algum caramujo que nam sai senão à porta? E quando me dão algum dia
35	licença como a bugia ⁴ que possa estar à janela é já mais que a Madanela quando achou a aleluia.

Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*

NÃO CLASSIFICADO

Vocabulário:

1 *lavrar*-bordar, costurar.

2 *em poder de desfiados*-ocupada a bordar.

3 *de jazer sempre dum cabo*-de estar sempre na mesma posição.

4 *como bugia*-criada negra

1. O monólogo inicial revela

- a. a época em que Inês vive.
- b. o estado de espírito de Inês.
- c. a caracterização física de Inês.
- d. o enfado de Inês.

2. O descontentamento de Inês deve-se

- a. a um amor não correspondido.
- b. à impossibilidade de se casar.
- c. ao confinamento constante no espaço casa.
- d. a conflitos com as amigas.

3. Nos versos 12-14 está presente uma

- a. metáfora.
- b. ironia.
- c. comparação.
- d. personificação.

4. As interrogações retóricas no discurso de Inês expressam

- a. a sua incerteza face ao futuro.
- b. uma alternativa à vida que leva.
- c. a sua relação pouco amistosa com a mãe.
- d. o seu desgosto e indignação pela vida que leva.

5. A conjunção “ou “presente nos versos 31-32 tem um valor de

- a. adição.
- b. explicação.
- c. alternativa.
- d. oposição.

NÃO CLASSIFICADO

GRUPO II

	<p>Entravam então no peristilo do Hotel Central- e nesse momento um <i>coupé</i> da Companhia, chegando a largo trote do lado da Rua do Arsenal, veio estacar à porta.</p> <p>Um esplêndido preto, já grisalho, de casaca e calção, correu logo à portinhola; de dentro um rapaz muito magro, de barba muito negra, passou-lhe para os braços uma deliciosa cadelinha escocesa, de pelos esguedelhados, finos como seda e cor de prata; depois</p>
5	<p>apeando-se, indolente e <i>poseur</i>, ofereceu a mão a uma senhora alta, loira, com um meio véu muito apertado e muito escuro que realçava o esplendor da sua carnação ebúrnea. Craft e Carlos afastaram-se, ela passou diante deles, com um passo soberano de deusa, maravilhosamente bem-feita, deixando atrás de si como uma claridade, um reflexo de</p>
10	<p>cabelos de ouro, e um aroma no ar. Trazia um casaco colante de veludo branco de Génova, e um momento sobre as lajes do peristilo brilhou o verniz das suas botinas. O rapaz ao lado, esticado num fato de xadrezinho inglês, abria negligentemente um telegrama; o preto seguia com a cadelinha nos braços. E no silêncio a voz de Craft murmurou:</p> <p>-<i>Très chic.</i></p>
15	<p>Em cima, no gabinete que o criado lhes indicou, Ega esperava, sentado no divã de marroquim, e conversando com um rapaz baixote, gordo, frisado como um noivo de província, de camélia ao peito e plastrão azul-celeste. O Craft conhecia-o; Ega apresentou a Carlos o Sr. Dâmaso Salcede, e mandou servir vermute (...)</p> <p>-Vimos agora lá de baixo- disse Craft indo sentar-se no divã-uma esplêndida mulher,</p>
20	<p>com uma esplêndida cadelinha <i>griffon</i>, e servida por um esplêndido preto!</p> <p>O Sr.Dâmaso Salcede, que não despregava os olhos de Carlos, acudiu logo:</p> <p>-Bem sei! Os Castro Gomes.... Conheço-os muito.... Vim com eles de Bordéus...Uma gente muito chique que vive em Paris.</p> <p>Carlos voltou-se, reparou mais nele, perguntou-lhe, afável e interessando-se:</p>
25	<p>-O Sr.Salcede chegou agora de Bordéus?</p> <p>Estas palavras pareceram deleitar Dâmaso como um favor celeste: ergueu-se imediatamente, aproximou-se do Maia, banhado num sorriso:</p> <p>-Vim aqui há quinze dias, no <i>Orenoque</i>. Vim de Paris.... Que eu em podendo é lá que me pilham! Esta gente conheci-a em Bordéus. Isto é, verdadeiramente, conheci-a a bordo.</p>
30	<p>Mas estávamos todos no <i>Hotel de Nantes</i>. Gente muito chique: criado de quarto, governanta inglesa para a filhita, <i>femme de chambre</i>, mais de vinte malas.... Chique a valer! Parece incrível, uns brasileiros.... Que ela na voz não tem <i>sutaque</i> nenhum, fala como nós. Ele sim, ele tem muito <i>sutaque</i>..., Mas elegante também, Vossa Excelência não lhe pareceu? (...)</p>

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

35	Nesse momento a porta envidraçada abriu-se de golpe. Ega exclamou: “Saúde ao poeta!”
40	E apareceu um indivíduo muito alto, todo abotoado numa sobrecasaca preta, com uma face escaveirada, olhos encovados, e sob o nariz aquilino, longos, espessos, românticos bigodes grisalhos: já todo calvo na frente, os anéis fofos de uma grenha muito seca caíam-lhe inspiradamente sobre a gola: e em toda a sua pessoa havia alguma coisa de antiquado, de artificial e de lúgubre.
45	Estendeu silenciosamente dois dedos ao Dâmaso, e abrindo os braços lentos para Craft, disse numa voz arrastada, cavernosa, ateatrada: -Então és tu, meu Craft! Quando chegaste tu, rapaz? Dá-me cá esses ossos honrados, honrado inglês!
	Eça de Queirós, <i>Os Maias</i> (texto com supressões)

1. O advérbio “maravilhosamente” (linha 9) confere ao retrato de Maria

Eduarda uma dimensão:

- a. provocatória.
- b. elegante.
- c. mundana.
- d. sobrenatural.

2. A expressão “frisado como um noivo de província, de camélia ao peito” (linhas 17 e 18) ilustra

- a. o vestuário requintado da personagem.
- b. juízos de valor depreciativos.
- c. uma caracterização direta psicológica.
- d. a sofisticação de Dâmaso.

3. Carlos muda a sua atitude para com Dâmaso quando se apercebe que ele

- a. é um cosmopolita.
- b. é muito chique e bem relacionado.
- c. é diferente do típico cidadão nacional.
- d. conhecia Maria Eduarda.

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

4. Na caracterização de Alencar, a expressão “nariz aquilino” significa um nariz

- a. achatado.
- b. comprido.
- c. arqueado.
- d. fino.

5. A figura de Alencar remete para uma estética

- a. realista.
- b. clássica.
- c. (ultra) romântica.
- d. barroca.

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

GRUPO III

Quero

5 Estava para escrever sobre um assunto completamente diferente. No entanto, há minutos, mudei de ideias. Uma vez que o tema da identidade portuguesa nunca foi tratado na nossa literatura, acredito que o texto que se segue é da maior atualidade. Trata-se, no fundo, de um naco de quotidiano. Comum, banal até, e, no entanto, poucos episódios são tão exemplares do sentir português. Sim o fado, sim a saudade, vinho do Porto e galo de Barcelos, claro, claro, mas não só.

10 Aconteceu há duas semanas. Eu estava numa pastelaria do cimo da Avenida da Liberdade, na cidade de Lisboa, capital de Portugal. A meio da tarde, cheguei e sentei-me, tudo normal até aqui. Eu gosto de pirâmides de chocolate. Muitos amigos me condenam esta preferência. Garantem-me que são feitas de restos de bolos. Tanto me faz. Gosto de mastigar e preocupo-me com outros assuntos. A mesa onde me sentei nem ficava demasiado escondida, nem demasiado exposta. Pela localização, não deixava antever nenhuma espécie de preocupação. Eu não estava preocupado, estava com alguma fome ou, pelo menos, com
15 do vidro grosso do balcão, num ambiente refrigerado, as pirâmides de chocolate estavam alinhadas num tabuleiro de inox e, por baixo da cereja, no chocolate, brilhava uma capa húmida. Não estava demasiada gente na pastelaria. Estava um homem, sessenta, setenta, que deslizava um boletim de totoloto no tampo da mesa, estava um casal, lá ao fundo, que só olhavam um para o outro, estava mais alguém, mais alguém e mais três ou quatro pessoas.
20 Estava gente porque, afinal é uma pastelaria numa das principais, ou na principal talvez, avenida da cidade, mas era uma tarde de um dia da semana.

Havia um só empregado a servir. Um só bigode preto, cerrado, a tapar o lábio superior. Não tenho nada contra bigodes, considero-me uma pessoa razoável. Quando passou por mim, tentei chamar-lhe a atenção. Fiz: *pxiu*. Disse-lhe: *fachfavor*. Não olhou. Presumi que estivesse
25 meio moco por causa das máquinas dos galões. Anos seguidos a ouvir o barulho de aquecer galões todos os dias não deve ser fácil. Esperei por outra oportunidade. Então, esbracejei. Abri os braços e agitei-os. Tipo pássaro, como se acenasse a um amigo que estava muito longe. O empregado passou o olhar por mim, mas atravessou-me. O seu olhar foi de um ponto a outro, traçou uma lâmina que me cortou na horizontal mas, no exato momento em que tocou, foi cego
30 e, dessa forma, deixou-me incólume. Senti-me como aquelas personagens dos episódios da Quinta Dimensão (*Twilight Zone*) que são ignoradas por todos até ao momento em que chegam a duvidar da sua própria existência; aquelas personagens que viram qualquer coisa terrível, mas que ninguém sabe do que estão a falar; personagens fechadas num pesadelo claustrofóbico: o mundo. O empregado tinha camisa branca, calças pretas, cinto de fivela

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

35	dourada, sapatinho. Estava ali há anos, de certeza. Continuará por ali até se reformar, também de certeza. Após alguns minutos, à terceira, levantei-me da mesa. Disse-lhe: <i>fachafavor, fachafavor</i> , e esse tipo de coisas. Todas as outras pessoas da pastelaria já me tinham visto. O homem do totoloto estava parado a olhar para mim, não dava para perceber se solidário ou admirado comigo. Eu olhei também para ele, como se lhe dissesse: já viu este gajo? Eu estava
40	calmo, mesmo calmo. Eu estava tranquilo. Mal desenrolei o jornal e li a primeira frase, o empregado parou-se à minha frente. O que é que vai ser? Perguntou. Tinha as pálpebras muito esticadas sobre os olhos, deixando apenas uma nesga de olho aberto, o suficiente para fixar a folha limpa do pequeno bloco onde se preparava para escrever. Sou capaz de jurar que eu estava a sorrir. Não posso
45	ter a certeza absoluta, absolutinha, porque nem sempre tenho a consciência total das minhas expressões e posturas, mas acredito que estava a sorrir. Pelo menos, estava a sentir-me sorridente. Com esse otimismo, respondi-lhe: queria uma pirâmide de chocolate, por favor. Não passou um segundo. Não passou um único instante. Se havia uma mosca, essa mosca continuou onde estava. Se estava em pleno voo continuou onde estava. As suas asas
50	não bateram nesse instante que não existiu. Automático, o empregado de mesa disse: queria? Já não quer? (...) Automaticamente, levantei-me (...). Deu dois passos atrás e deixou cair a bandeja. As pessoas que estavam na pastelaria acompanhavam já cada um dos nossos movimentos. Havia pessoas que estavam todas viradas nas cadeiras para não perderem nada, para perceberem o
55	que se estava a passar. Não creio que tenham percebido. Baixei-me, apanhei a bandeja e, como um gongo, dei-lhe com ela no centro da cabeça. E saí. O empregado veio até à porta a gritar: bandido, bandido. Não olhei para trás. Fui descendo a avenida e espreitando para dentro de outras pastelarias, queria ver se tinham pirâmides de chocolate. Mais uma vez, o termo “bandido” tinha sido mal empregue. Eu não tinha
60	roubado nada. Este pequeno episódio é, nas suas múltiplas perspetivas, feito de portugalidade pura. Se o empregado envolvido neste incidente fosse de qualquer outra nacionalidade, o seu comentário seria impossível. Não porque outras línguas não o permitam, mas porque o “sentido de humor” de qualquer empregado de mesa de outro país não o permitiria nunca. Além disso, há tudo o resto. Quanto a mim, não defendo a violência, mas compreendo a necessidade da autodefesa. PEIXOTO, José Luís. “Quero”, in <i>Jornal de Letras, Artes e Ideias</i> , nº 991, 24 de setembro de 2008

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

1. Neste texto, o autor apresenta

- a. uma análise objetiva e sociológica de um tema da portugalidade portuguesa.
- b. uma abordagem pessoal e subjetiva sobre um tema da portugalidade portuguesa.
- c. a descrição de uma pastelaria da Avenida da Liberdade, em Lisboa.
- d. uma opinião fundamentada sobre o comportamento de um empregado de mesa.

1. Perante a indiferença do empregado de mesa às suas chamadas de atenção, o autor deste texto

- a. continua tranquilamente à espera de ser atendido.
- b. sente-se ridicularizado por não ser atendido.
- c. reage com ironia ao desprezo do empregado de mesa.
- d. sente-se quase a duvidar da sua própria existência.

2. O título deste texto “Quero” pretende destacar

- a. a vontade que o autor tem de comer uma “pirâmide de chocolate”.
- b. a necessidade do autor chamar a atenção do empregado de mesa e efetuar o seu pedido.
- c. a importância da utilização de certas palavras, sobretudo da expressão de cortesia “eu queria...”
- d. a vontade com que o autor ficou de bater com a bandeja no cimo da cabeça do empregado.

3. Na frase complexa “traçou uma lâmina que me cortou na horizontal” (linhas 27 e 28) encontra-se uma oração

- a. subordinada substantiva completiva.
- b. subordinada adjetiva relativa restritiva.
- c. subordinada adjetiva relativa explicativa.
- d. subordinada adverbial final.

4. Na expressão – “O seu olhar foi de um ponto a outro, traçou uma lâmina que me cortou na horizontal” (linhas 27 e 28) está presente

- a. uma metáfora.
- b. um eufemismo.
- c. uma comparação.
- d. uma antítese.

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

GRUPO IV

Mudez	
5	Que desgraça, meu Deus! Tenho a Ilíada aberta à minha frente, Tenho a memória cheia de poemas, Tenho os versos que fiz, E todo o santo dia me rasguei À procura não sei De que palavra, síntese ou imagem! Desço dentro de mim, olho a paisagem, Analiso o que sou, penso o que vejo,
10	E sempre o mesmo trágico desejo De dar outra expressão ao que foi dito! Sempre a mesma vontade de gritar, Embora de antemão a duvidar Da exatidão e força desse grito.
15	Mudo, mesmo se falo, e mudo ainda Na voz dos outros, todo eu me afogo Neste mar de silêncio, íntima noite Sem madrugada.
20	Silêncio de criança que ficasse Toda a vida criança, E nunca conseguisse semelhança Entre o pavor e o pranto que chorasse.
Miguel Torga, in <u>Orfeu Rebelde</u>	

1. Na primeira estrofe deste poema, o sujeito poético exprime a sua angústia exteriorizando-a com
- uma súplica a Deus.
 - um lamento choroso e miserabilista.
 - um grito de raiva, frustração e desânimo.
 - uma fúria contida.

NÃO CLASSIFICADO

NÃO CLASSIFICADO

- 2. Para o poeta, o processo de criação poético é**
- totalmente espontâneo.
 - introspectivo e emocional.
 - metódico e racional.
 - contido e mudo.
- 3. O título do poema “Mudez” realça**
- a impossibilidade física do sujeito poético falar.
 - o silêncio que a leitura da poesia exige.
 - a incapacidade do sujeito poético de se recordar das palavras.
 - a dificuldade do sujeito poético de se exprimir e comunicar.
- 4. A Palavra “outros”, que se encontra na segunda estrofe (verso 16), morfologicamente é**
- um determinante indefinido.
 - um nome comum.
 - um pronome indefinido.
 - um adjetivo.
- 5. Nos versos “Mudo, mesmo se falo, e mudo ainda / Na voz dos outros” (versos 15 e 16) encontra-se:**
- uma antítese.
 - uma perífrase.
 - uma hipérbole.
 - uma metáfora.

FIM

NÃO CLASSIFICADO



PROVA DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS

CONCURSO DE ADMISSÃO AO 50.º CFS QP

Nome _____

Rúbrica _____

Posto _____

NMec/NIP/NII _____

Nº Candidato _____

Prova de Português _____

Prova de Inglês _____

Prova Modelo

Classificação _____

Data ____/____/____

Rubrica avaliador _____

Observações:

ATENÇÃO

NÃO ESCREVA O SEU NOME OU QUALQUER ELEMENTO QUE O IDENTIFIQUE NOUTRO LOCAL DESTA PROVA, SOB PENA DESTA LHE SER ANULADA

NÃO PREENCHA A ÁREA SOMBREADA. ESTA ÁREA ESTÁ RESERVADA AO JÚRI DO CONCURSO.

Coloque X na resposta certa

GRUPO I

1		b	
2			c
3			c
4			d
5		c	

GRUPO III

1		b	
2			d
3			c
4		b	
5	a		

GRUPO II

1			d
2		b	
3			d
4		c	
5		c	

GRUPO IV

1			c
2		b	
3			d
4			c
5	a		